

Areia residual de fundição será utilizada na construção civil

Instrução normativa da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) garante que cerca de 100 milhões de toneladas de areia residual estocadas pelas indústrias de fundição mineiras serão destinadas às linhas não estruturais da construção civil, como a fabricação de meios-fios, placas de muro, bloqueios e cobertura para aterro sanitário. **Pág. 5**

INDÚSTRIA

Areia de fundição pode ser usada na construção em MG

Estado tem hoje 100 milhões de toneladas de insumo residual estocado

MARA BIANCHETTI

Depois de a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) aprovar o uso das areias de fundição em alguns segmentos industriais, agora foi a vez da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) permitir, por meio de instrução normativa, o uso dos resíduos do setor no Estado. Com isso, as cerca de 100 milhões de toneladas de areia residual estocadas pelas indústrias de fundição mineiras já têm destino certo: as linhas não estruturais da construção civil, como a fabricação de meio-fio, placas de muro, bloquetes e cobertura para aterro sanitário.

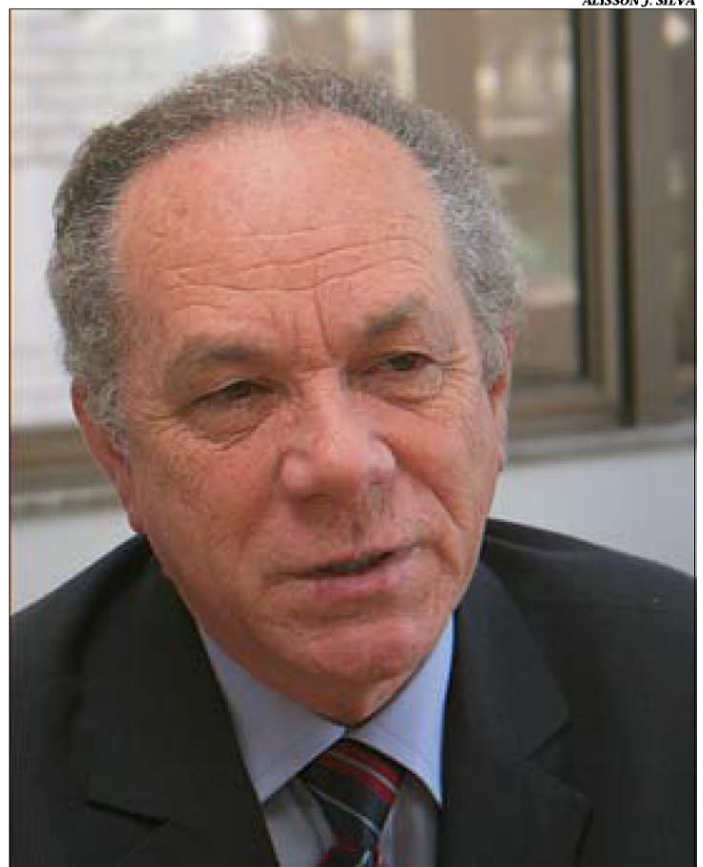
Segundo o presidente da regional Centro-Oeste da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) e do Sindicato da Indústria da Fundição no Estado de Minas Gerais (Sifumg), Afonso Gonzaga, trata-se de um pleito de mais de dez anos do setor. “Já está confirmado que a areia usada pelas fundições para dar o molde às peças é um resíduo de classe dois, ou seja, não gera nenhum impacto ambiental, e pode ser perfeitamente utilizado na construção civil”, explica.

Segundo o representante do setor, o próximo

passo será a aprovação do projeto de lei (PL) que propõe a utilização do resíduo em diversas áreas. A medida, conforme ele, é de suma importância para a o incentivo da prática em diversos municípios. “De acordo com os cálculos, temos areia suficiente para a cobertura de todos os depósitos de resíduos orgânicos do Estado. No caso da região Centro-Oeste, já estamos com um projeto-piloto para essa utilização”, observa.

Doação — A ideia, conforme Gonzaga, não é vender o material para as prefeituras, mas sim doar, de forma que o setor reduza os custos com estocagem e as cidades não gastem com a compra de areia para cobertura dos aterros. Para se ter uma ideia, os estoques de areia por parte do segmento metalúrgico custam R\$ 40 por tonelada/mês. Já as empresas que estão gerenciando a destinação de resíduos orgânicos das cidades têm custo da ordem de R\$ 90 somente com a compra do insumo.

“Isso, além de tornar o processo mais barato nas duas pontas, também diminui os impactos ao meio ambiente, uma vez que vai permitir com que menos areia seja retirada



ALISSON J. SILVA

Afonso Gonzaga diz que pleito tem mais de dez anos

do solo”, destaca.

Em relação ao desempenho do setor, Gonzaga explica que apesar de 2014 ter começado bem, os últimos dois meses não tiveram resultados muito favoráveis. Conforme ele, no primeiro bimestre houve aumento da produção em 6,5%. Por outro lado, em março e abril o setor retraiu em 2%. “No geral nossa expectativa é boa. Acredito

que será possível reverter. A meta é encerrar este exercício com aumento de pelo menos 6% sobre o resultado de 2013”, afirma.

Na região Centro-Oeste está o segundo maior polo de produtos fundidos do Brasil, onde são produzidas 1,2 milhão de toneladas por ano e 24 mil empregos diretos e 60 mil indiretos são gerados.